REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 283

1 DE NOVEMBRO 1886

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

A chronica de hoje tem fatalmente que ser uma chronica de theatros, porque os theatros foram o assumpto dominante d'estes dez dias, a começar pela abertura do theatro de S Carlos, que, como muitas vezes temos dito, constitue sempre entre nós um assumpto capital.

Lembram-se todos ainda, e não é facil esquecer, o que foi o theatro de S. Carlos na epocha passada.

Lisboa teve o raro prazer de ouvir ao mesmo tempo no seu theatro lyrico a Patti, a Devriés, o Massini, o Cotogni, a Schalchi, o Tamagno, isto é, as maiores celebridades do mundo artistico contemporaneo.

Depois d'isto, que mais se poderia ouvir no theatro de S. Carlos?

Em cinco mezes de theatro a empreza Valdez esgotara todas as summidades da musica moderna: reconduzil-as este anno era impossivel; trazer outras, impossivel tambem, porque as não ha: como pois fazer theatro este anno, como organisar companhia que se pudesse supportar, que não fizesse succeder uma epocha de fiascos áquella epocha de triumphos, que não fosse o sonho das sete vaccas magras depois das sete vaccas gordas!

Os problemas mais difficeis teem ás vezes as resoluções mais faceis: a difficuldade porem está em encontrar essa solução.

Quando o sr. Campos Valdez assumiu ha annos a empreza de S. Carlos no meio das hossanas triumphaes de uma grande parte da imprensa, nós não tomámos parte no coro dos nossos confrades, e esperámos pelos seus actos d'emprezario, n'uma espectativa perfeitamente imparcial, despida de quaesquer prevenções pró ou contra aquelle que diziam ser o primeiro emprezario lyrico do nosso paiz.

Nunca o tinhamos visto com as mãos na obra, e não quizemos curar por informações, embora os informadores nos merecessem a maior consideração.

Essa reserva do primeiro momento dava-nos o direito de plena liberdade de apreciação posterior, e com muito prazer nosso podemos usar sempre d'elle, dando razão aos enthusiastas de Campos Valdez.

As ultimas epochas do theatro de S. Carlos, as mais brilhantes da nossa historia lyrica, demonstraram claramente, gloriosamente, que Valdez era um emprezario arrojadissimo, um grande enthusiasta da arte, que não se prendia com hesitações de administrador theatral, para ter o prazer de verdadeiro artista, de ouvir no seu theatro, de nos apresentar no seu palco as maiores summidades do mundo lyrico.

E nós não lhe poupámos applausos, como não lh'os poupou o publico, radiante de sacratissimo jubilo, ante essas epochas excepcionaes que elle lhe proporcionou.

Entretanto, na administração de S. Carlos durante essas epochas havia apenas um alto bom gosto artistico, um profundo criterio, uma bizarria de emprezario-*dilettante* que põe acima de tudo os interesses da arte, o goso dos seus ouvidos, o prazer de nababo de apresentar operas como o *Barbeiro* pela Patti, Massini e Cotogni, e o *Fausto* pela Devriés e pelo Massini, o *Poliuto* pelo Tamagno e pela Borghi.

Este anno porem Campos Valdez acaba de nos mostrar a outra phase não menos brilhante, mas mais positiva e pratica, do seu grande talento de administrar theatros, a habilidade, a sciencia de um emprezario excepcional, de um mestre consummado n'essa arte tão difficil, tão complexa, — sobretudo dado o nosso publico exigente, — de dirigir um theatro lyrico.

A companhia que elle organisou para a actual epoca, e de que nos apresentou ha noites as principaes figuras, é uma lição do *savoir-faire* theatral.

A epoca excepcionalmente brilhante de 1885 a 1886 foi uma epoca de celebridades, esta vae ser uma epoca de *ensemble*: na estação finda o theatro de S. Carlos distinguiu-se pela quantidade e variedade de summidades lyricas, na estação que começa agora o theatro de S. Carlos distinguir-se-ha pela egualdade do desempenho das operas, pela novidade do reportorio, pela belleza e harmonia do conjuncto.

E a primeira noite do theatro de S. Carlos demonstrou logo isto, e demonstrou-o victoriosamente.

A opera da inauguração foi a *Gioconda*, a opera d'*obligo* da epocha passada, e que então quasi que cahiu.

Pois essa opera por assim dizer desacreditada perante o publico, que não gostou d'ella ha mezes, qae lhe fez um acolhimento frio, quasi hostil, teve agora um successo ruidoso.

Porquê?

Porque o desempenho foi admiravel no seu conjuncto, teve um *ensemble* magnifico, que fez com que a opera de Ponchielli parecesse uma opera inteiramente nova, com que se lhe admirasse as bellezas, que da primeira vez tinham passado desapercebidas, que lhe teem valido o seu grande merito em todos os theatros, e que fizeram a Italia inteira chorar a morte recente de Ponchielli, como a morte d'aquelle em quem via o futuro successor do collossal Verdi.

A *Gioconda* este anno foi desempenhada por artistas todos novos para o nosso publico.

O publico recebeu-os friamente, um pouco mal humorado, mal disposto.

Estava mal habituado á força de bem habituado de mais; estava costumado a tenores chamados Massini e Tamagno, a *primas donnas* chamadas Patti e Devriés, a cantores com nomes universalmente conhecidos, universalmente apregoados pela fama, e os nomes que lhe appareciam alli no palco eram desconhecidos d'elle, porque, á excepção de um, do de Theodorini, que ainda assim é uma estrella muito nova ainda no ceo da arte para ser já universalmente conhecida — os outros ainda não sahiram da notoriedade relativa no seu meio artistico, para a celebridade absoluta no grande mundo moderno.

A apresentação d'estes artistas pois, foi modesta, sympathica: e a sr.ª Enriqueta Stahl, a contralto encarregada do papel de cega, disse tão bem a sua romanza *Voce di donna e d'angelo*, que arrancou

CONDE DE S. SALVADOR DE MATTOSINHOS (Segundo uma photographia)

uma prolongada salva de palmas, as primeiras palmas que echoaram esta epoca na sala de S. Carlos.

O acto correu todo muito bem, muito afinado, e no fim, quando o panno cahiu, houve uns applausos pequenos, frouxos, como que contra vontade.

No segundo acto o tenor Valero venceu a frieza um pouco hostil do publico na sua aria, que modulou muito correctamente, e que lhe valeu applausos francos, e a sr.ª Theodorini e a sr.ª Amelia Stahl, a meio soprano, tiveram calorosa ovação no bello duetto *Io l'amo como il creato*, que foi *enlevé* com muito brio e bisado no meio de geraes applausos, destacando-se d'este duetto a phrase final da Theodorini, a sua expressão accentuadamente dramatica, que denunciou logo uma artista notabilissima, *la griffe du maître*.

No terceiro acto Amelia Stahl e Theodorini foram já muito applaudidas, o *ensemble* final do acto magnifico, accentuando logo o *successo* definitivo da opera.

No quarto acto porem é que houve a revelação brilhante dos assombrosos recursos artisticos da Theodorini, como cantora e como comediante.

Todo esse acto póde dizer-se que é a *Gioconda* e a Theodorini representou o e cantou-o maravilhosamente, esplendidamente. O publico comprehendeu então que tinha deante de si uma grande artista, um d'esses temperamentos excepcionaes com que se fazem as celebridades gloriosas, d'essas celebridades que elle este anno não esperava na companhia de S. Carlos e fez-lhe uma ovação enorme, chamando-a ao palco sete ou oito vezes, e acclamando-a enthusiasmado com todas as honras que só se prestam aos artistas excepcionaes.

Resumindo pois as impressões da companhia de S. Carlos na noite da inauguração temos em primeiro lugar uma verdadeira grande artista, uma *estrella* a valer, segundo a moderna technologia theatral, Helena Theodorini; e todos os outros artistas muito distinctos, muito apreciaveis, muito correctos, sem haver nenhum que deitar fóra, sem haver nenhum que tenha que se applaudir por favor, porque tanto as duas irmãs Stahl, duas elegantes e formosas mulheres, com boas vozes e excellente methodo de canto, como o tenor Valero, um tenor de meio caracter com voz agradavel, não muito volumosa, e que elle sabe modullar com arte, como o barytono Dufriche que é um artista feito, senhor dos segredos da sua arte, sabendo phrasear excellentemente, foram applaudidos sinceramente, expontaneamente, conquistaram esses applausos pelos seus meritos, pelo seu trabalho e não por indulgencia do publico, que n'estas noites de estreias está sempre pouco propenso á indulgencia, e nada disposto a deixar-se guiar pela claque.

Em summa a estreia de S. Carlos foi brilhante e promette uma bella época lyrica.

Brevemente se estreiarão a *prima donna* ligeira Bendazzi Secchi, que nos dizem ser uma formosura notavel e uma cantora muito distincta, ainda no seu alvorecer; o baixo Vidal, um grande e bello artista que Lisboa conhece muito bem e tem victoriado já muitas epochas; o tenor Cardinali, e mais dois barytonos de quem não sabemos o nome.

A orchestra foi regida na execução da *Gioconda* pelo festejado maestro Mancinelli com o talento superior, o *entrain*, o elevado gosto artistico que o tornam um dos regentes de orchestra mais notaveis que teem vindo a Lisboa, e, diga-se em honra do maestro e em honra dos professores que compõem a orchestra, a execução da *Gioconda* na primeira noite foi deveras primorosa.

O theatro de S. Carlos é este anno illuminado a luz electrica, o que o faz mais fresco, mas incontestavelmente mais escuro.

O lustre, que era elegantissimo, desappareceu, e faz, sob o ponto de vista ornamental, bastante falta á sala: a illuminação electrica deixa muito a desejar como estava feita na primeira noite, e não se parece nada com aquella brilhante illuminação da noite da recita de gala do casamento do principe real.

No theatro dos Recreios houve tambem um grande *successo*. O *Miguel Strogoff*, o espectaculo do drama de Julio Verne e de D'Ennery, traduzido por Moura Cabral, que a empreza de Salvador Marques & C.ª poz em scena com um grande luxo de scenario e de adereços e de guarda roupa, um bom gosto, elegancia e riqueza mesmo pouco usados nos nossos theatros.

Miguel Strogoff foi a primeira peça ensaiada pelo talentoso actor Augusto de Mello, foi a sua estreia, uma estreia difficilima, que poderia servir de exame aos mestres, uma estreia propria para um artista que ao largo tirocinio do palco junta, como o Mello, uma intelligencia robustissima, uma illustração vasta, um espirito brilhante e perfeitamente moderno.

Por isso essa estreia foi um successo triumphal, e o ensaiador do *Miguel Strogoff* teve repetidas chamadas e calorosa ovação, como se se tratasse de um mestre a quem a longa pratica tivesse desvendado os segredos da sua arte difficil.

O scenario do drama de Julio Verne é magnifico, e tres ou quatro scenas das principaes, como a passagem do gelo, a batalha, a casamata, teem a assignatura gloriosa de Manini n'aquelles primores de scenographia, com que só elle sabe deslumbrar as plateas.

O desempenho do *Miguel Strogoff* foi muito regular por toda a companhia, e excellente, como não podia deixar de ser, pelos principaes artistas d'aquelle theatro, que alguns d'elles são tambem primeiros no theatro portuguez.

Mello, Joaquim d'Almeida, Roque, Sergio d'Almeida, Lucinda do Carmo e Guilhermina Macedo, tiveram as honras do desempenho, não devendo esquecer-se no applauso a actriz Maria do Ceo, que, sem attingir decerto a perfeição no seu papel difficilimo, um papel da Maria Laurent, empregou uma boa vontade digna de elogio.

Os emprezarios tiveram muitas chamadas na primeira noite, juntamente com o ensaiador, o scenographo, o aderecista, o *costumier*, e com justiça, porque todos elles contribuiram para o grande exito alcançado pelo *Miguel Strogoff*.

Está a terminar o espaço de que podemos dispor, e ainda nos resta falar do theatro do Gymnasio, que, fazendo com felicidade a *reprise* de uma peça antiga de Feuillet, *Os nobres e plebeus*, apresentou dois *debutantes* que se estreiaram em momento propicio.

A debutante, a sr.ª Eugenia Smith, é galante e intelligente; o debutante, o sr. Antonio Pinheiro, é um rapaz muito novo ainda, intelligente, muito estudioso, e a quem o demonio da vocação impellia de ha muito para o theatro, onde finalmente foi parar, obedecendo a essa velha lei fatalista de que ninguem foge ao seu destino.

E parece-nos que o sr. Antonio Pinheiro fez bem em não fugir, e nós proprios temos a nossa responsabilidade até certo ponto presa á sua submissão aos decretos da sina.

Conhecendo a vocação d'elle, e parecendo-nos encontrar-lhe dotes artisticos apreciaveis, que não o deixariam passar a vida a marcar passo na turba dos anonymos da scena, contribuimos um bocadinho para a sua estreia.

E por ora não estamos arrependidos, porque essa estreia veio fortalecer a nossa opinião de que effectivamente n'aquelle rapaz, dada a sua intelligencia clara e a sua vontade energica, pode estar, deve mesmo estar um artista d'amanhã.

A prophecia ahi fica; que ella se realise, é o que desejamos sinceramente, para que ao menos a primeira vez que nos mettemos a Bandarra não façamos muito triste papel.

Lamentamos muito realmente não poder prolongar esta chronica de hoje, porque, fóra dos theatros, tinhamos um assumpto importantissimo e gravissimo a tratar, tanto mais grave e importante quanto menos caso parecem ter feito d'elle para ahi.

É um caso de sequestração de creança, ou coisa parecida, em que parece andarem mettidas sotainas jesuiticas e beaterio aristocratico.

Fica para a primeira chronica o assumpto, e até lá veremos o que mais se pode apurar ácerca d'elle, porque não queremos fazer accusações sem base solida, nem declamações indignadas que não tenham por fundo a verdade.

Gervasio Lobato.

CASTELLO DE OBIDOS

Historiando este monumento, do qual ha pouco tanto se occupou a imprensa diaria, damos hoje no Occidente uma carta do sr. dr. Luiz Jardim, cujo favor agradecemos por nos trazer ensejo de offertar aos nossos leitores uma brilhante pagina de prosa como raras vezes apparece na litteratura portugueza.

Esta carta encerra o poeta e o artista, na fórma e no sentimento, descrevendo o castello abandonado, as alterosas serras que elle domina, e o vasto oceano lá ao longe, a perder-se de vista, até que a agitação das aguas parece reduzir-se a extensa planicie, confinando com o céu.

A carta é a seguinte:

CASTELLOS E SERRAS

I

Meu amigo (1): — Antes que venha o fim do mez irá a carta que pede. E não julgo oneroso escrevel-a d'estes sitios, tão prodigos em amenas paisagens e recordações.

Em prova do quê, aqui tem, para exemplo, aquelle alteroso castello, abrangendo uma villa inteira em seus muros medievaes, como no tempo das chronicas do bom Fernão Lopes. De Obidos o chamam; e, na companhia de outros 11 castellos, era costume do reino serem obrigados a arrhas ás rainhas portuguezas, em segurança e firmeza das doações nupciaes. Se aquelles seus companheiros no apanagio das rainhas, a poder dos annos e do nosso desleixo, já deram comsigo em terra, este para alli ficou soberbo e melancholico, como o pittoresco fidalgo, que Mallefille descubriu em terras de Hespanha, andando em pesquizas de encontrar o genuino retrato D. João de Marana. O solarengo de Mallefille, D. Raphael Cienfuegos y Casarrubias, era nobre como o Cid, mas, por infeliz, havia chegado a penurias tantas, que sob o manto digno e theatral sómente escondia a propria nudez. Por isto se não desembuçava nunca.

Ora aquelle poetico castello é como o dito fidalgo. Visto cá da chã, alevantado no seu throno de rochedos em escarpa, que a distancia assemelham revoltos mares christalisados nos ultimos paroxismos do embate, entre a onda que vem e a onda que volta; olhado cá por baixo, a recortar no céu a torre de menagem, e suas muralhas dentadas, com grandes portas ogivaes e dois postigos, quero dizer rebuçado em seu manto de pedras, dá admiração. Lá dentro ainda se lhe cata respeito; mas é maior a tristeza. Nem sei eu que fados adversos amesquinharam a sorte d'estes castellos de Portugal.

De noite, dizem os habitantes dos burgos, vieram os visinhos e roubaram as cantarias; sobre os escombros que ruiram na encosta, nasceram casas no sopé das muralhas; e particulares houve, que lhe despiram as portas e janellas inteiras! Rasão porque, não raro vemos em construcções mais recentes a janella ogival, ou gothicoflorida, ou mesmo tambem a de plena renascença, com sua columna central e ligeiras architraves, torcidas em cordas, ao sabor da architectura manoelina, que tanto se inspirava das navegações e descobertas.

Não se admire, quando em assumpto de castellos lhe falo da architectura manuelina. N'este de Obidos, ahi talvez pelos meados do seculo XVI, viveu governador ou poderoso rico-homem, que para elle construiu arejado palacio, a dentro dos velhos torreões. Lá estão, a defrontar com a veiga duas grandes janellas manoelinas; e, com quanto os sobrados ruissem todos, não ficando vestigios, ainda se vê, incrustada na parede do primeiro salão, larga chaminé, que dá que scismar ao que a olha toda enfeitada, agora ao presente com os formosos lavores da renascença.

Aqui, em terras sertanejas, não posso eu botar livraria abaixo; e assim, n'este lance, sairá côxa a minha erudição. Pois que, se me fosse aos livros, houvera de contar-lhe quem era o rico-homem, que foi construir aquelles paços senhoriaes dentro do castello rouqueiro (2). De fino gosto o julgamos por certo, e poderoso; tal o estão dizendo aquella elegante chaminé da renascença, aquelles restos da vasta escadaria, ainda ao presente orgulhosos na sua decrepidez, com as armarias floridas, que encimam o segundo patamar.

Longe de coutos portuguezes, e por esses mundos além, tem estas ruinas o seu guarda; e os municipios conservam-nas religiosamente, porque, é bem de vêr, são as tradições honradas de um povo. É de nós o cuidar pouco n'estas coisas; e quando passa cá em baixo, á orla da montanha, o caminho de ferro, explosindo ao vento o seu grito ironico e sua pluma de fumo, se elle transporta alguns patriotas, estou que de soslaio irão mirando a velha edificação, e entre um frangão assado e uma gorgolada de vinho, hão de apontal-a com desprezo condemnando-a, para todo o sempre, com esta unica palavra: — despotismo!

Pois não eram despoticos, não senhor, esses antigos castellos; padrastos incansaveis, esses foram, contra a moirisma infiel e visinhos bilhardões, que nos catavam a posse do territorio; contra elles, sim. Mas sabe v. o que os homens e os governos jámais obterão amesquinhar nem fazer ruinas, com sua indifferença e desleixo? — é a memoria dos tres nomes illustres, que povôam por si sós aquel-

(1) O dr. Cesario de Lacerda.

(2) Seria D. Vasco Mascarenhas, alcaide-mór d'esta villa, e primeiro conde de Obidos, em 1634?

las tristezas de Obidos. Falo de uma rainha, de uma mulher de talento notavel que alli se creou; e de um orador celebrado, que lá se creou e morreu. A primeira chamava-se no seculo, D. Leonor de Lencastre; a artista de fama Josepha de Ayalla; e o orador illustre — o Malhão. Dos tres nomes não sei qual o maior. O mais benemerito é o da rainha. A nobre senhora, n'aquelles tempos do seculo XV, se não tivera grandes espiritos, mais lhe valera procurar o claustro, e lá morrer amortalhada nos grandes luctos de suas desgraças, que entre viventes, por ellas contou seus dias. Um de seus irmãos, D. Jorge, trespassou, assassinado pelo esposo d'ella (23 de agosto de 1484); seu filho unico, D. Affonso, caiu de morte desastrosa, correndo *a pareo* em Santarem, (13 de julho de 1491); tinha apenas 17 annos. E o marido, que era o feroz e solerte D. João II, o *rei dos mercadores*, foi-se, em colicas de veneno, segundo reza a chronica á bocca pequena (25 de outubro de 1495). Não era mais velho de 40 annos. Já vê v. , que militavam razões de sobejo para dar em terra com o espirito mais altaneiro.

Pois a rainha não estarreceu de dôr; foi-se á desgraça e venceu-a pela caridade. As ruins paixões dos homens tinham-lhe roubado o irmão, o filho e o marido, pois deitou se a soccorrer os homens, e começou de ficar serena. Isto é de tal grandeza, que me quedo por aqui. Em Lisboa tem v. a *Santa Casa da Misericordia* que ella fundou; cá ao pé tenho o hospital das Caldas, que chamam da *rainha*, porque d'ella tiram o seu nome. Devotou-se á conclusão d'esta casa hospitaleira durante os annos que viveu em Obidos, alanceada pelas saudades cruciantes do filho estremecido. Do mais que fez D. Leonor, virá dizel-o um dia, a historia da *assistencia* em Portugal, quando se escrever. Assim podéra ser escripta a historia da arte portugueza.

Eu andei em averiguações para descobrir, em Obidos, a casa de Josepha de Ayalla. Ninguem m'o disse, nem sabiam onde fôra, nem a cruz que lhe vela o derradeiro somno no cemiterio. Mostraram-me a casa do Malhão, e, em frente do pelourinho, dizem, que vae agora fazer-se-lhe um monumento. A casa d'elle é quadrangular como outras d'esta villa de tristezas; e dão-lhe serventia cinco degraus reentrantes, em uma das paredes que tem a esquina do lado sul, na *Rua Direita*. Lá dentro, contaram-me que ainda se topam os livros, os moveis e as loiças do melancholico orador: cá fóra poucos recordam a sua memoria!

II

Alguma cousa, porém, nos compensa d'estes luctos d'aquella villa do seculo XIII — são as veigas subjacentes; e, na sua extrema, a erguerem-se aqui e além as serras, que do lado poente formam um grande cóne deitado, por cujo vertice estreito outr'ora investia o mar a planura, vindo esbater se ao sopé dos rochedos, onde se ergue a edificação mourisca, restaurada por Affonso III.

Na ultima rocha, onde campêa a derradeira torre do lado sul, está ainda agora um argolão de ferro, que só é visto dos milhafres. Os rapazes que lá trepam assim m'o affirmaram, e os velhos dizem que o viram. Eu quero acreditar n'elle, porque sei que o mar aqui veio, e ainda alli está bem perto, na lagôa. É certo, porém, que ou as serras se ergueram ou os sedimentos dos ribeiros encheram esta área; de modo que o mar desalojado começou de resvalar pelas gandaras, e mais não voltou.

Isto conservou se de tal arte na tradição, que o brazão d'armas da villa de Obidos é, em escudo de prata, a rede de pescar. Por de cima das muralhas do castello avistam-se as aldeias do Pinhal, da Gorda, do Sobral e do Arelho; mas o melhor espectaculo que de lá se nos offerece é a cadeia de montanhas, que defendem do salso elemento estas uberrimas planuras, assim povoadas.

As serras! como alli se me vão os olhos! Ou quando caminham parallelas estreitando valle profundo, paraiso de verdura e silencio, onde apenas durante o dia os eccos repetem os sons cantados da voz humana; ou quândo, em familia, se recortam, cruzam e misturam, formando grandes figuras quasi geometricas, da mais caprichosa belleza; e tambem quando a serra é só e solitaria, sempre a lindar o horizonte e sempre a distanciar-se. Nada mais formoso. Eis porque sigo com os olhos essas curvas caprichosas, que a terra erguendo-se recorta no horizonte, como que formando um annel sinuoso, enorme, que onde a vista alcança começa a inclinar, a esmorecer, até cahir lá em baixo no mar oceano.

Eu cuido ás vezes, que ella, a serra, conversa com estes populosos pinheiraes, cujo susurro longo, prolongado, suspirado, parece um ai sentido de confessor, que ouve peccados grandes, que lhe pungem. As serras teem visto mais mundo, porque são mais antigas. Os pinheiros, coitados, são moços; são de hontem; e por isso estremecem quando os ventos lhes levam as confidencias, talvez alegres ou talvez tristes, das miserias da natureza, que não é isenta da lei geral.

Creado nas cidades, apraz-me a contemplação das cordilheiras. Nas cidades olho para os monumentos, que tambem são serras; nas planuras olho para as serras que são os monumentos da natureza. D'este contemplar tem-me vindo a conclusão de que as serranias são a chronica onde se referem as revoluções da terra; e eu sempre fui attreito ás historias das revoluções. Os homens bem vezes mudam; e cada mudança a deixam marcada no marmore ou no bronze; e, não poucas vezes, em cousa que parece mais de esquecer e que é mais duradoura: n'um grande riso ou n'um choro inextinguivel; outras, em cousas de maior lucto que o choro, porque são o sangue. E as lagrimas infundem piedade e o sangue horror; por isso elle é mais triste. Ora nada n'este mundo encerra, tanto como as revoluções, mais risos e mais lagrimas, e assim maiores signaes de mudança. Eis porque estudo as revoluções, que são as serras da civilisação, e contemplo as serras, que são as revoluções da natureza. Quando estas se produzem, ergue-se no mar uma outra ilha, subverte-se a terra com mais uma cordilheira, ou resfolga em um novo vulcão. Logo vereis apparecerem as camadas do sub solo e a sciencia virá dizer do mundo prehistorico. No mundo civil as revoluções procedem por igual theor. Críam instituições novas, que são as serras do mundo moral, e fazem apparecer as camadas lacustres — os direitos humanos. Depois vem a prehistorica dizer-nos, que isso sempre assim foi, mas... que ainda não estava descoberto.

* * *

Meu amigo: Aqui, em terras da Extremadura, descortina-se um renque, de castellos, e cada qual o mais formidando. Estão ainda em linha de combate os miseros! Mas, pura fanfarronada! A quem podereis offerecer prelio, bons castellos, se em vossas fendas canta o sol as suas arias de luz; chora a tempestade as suas lagrimas de chuva; e o vento entra-se de suspirar em vossas rotas barbacans? Só eu me compadeço de vossa ingenuidade, bons castellos!

Caldas da Rainha, 25 de junho.

Dr. Luiz Jardim.

Um fructeiro do seculo XII

Em 1882 visitando em Badajoz o *Instituto*, na secção de monumentos historicos e artisticos, foinos mostrado pelo distincto e illustrado cathedratico D. Thomaz Romero de Castilla, entre varios objectos interessantes, o fructeiro aqui estampado. Consta dos respectivos registos ter sido encontrado em umas excavações feitas haverá dez annos em Ilerena da Extremadura.

O fructeiro é de cobre fundido e cinzelado, com vestigios de douradura, falto de patina, tem $0^{m},16$ de diametro, a borda rendilhada com variada ornamentação, intercalada em distancias eguaes por quatro cisnes de face, com as azas abertas. O fundo não é vasado; representa no centro um medalhão pouco levantado com um pequeno busto de capacete, á esquerda, e em volta sobre o lavor canelado a legenda:

R. A.º H.ᶻ ANO MCXLVII.

Tem sido lido: *Rei Affonso Henriques anno 1147.*

Analysando esta peça fizemos as seguintes reflexões:

D. Affonso Henriques tomou o titulo de rei em 1140 e casou com D. Mafalda seis annos depois O anno 1147 designa uma epoca memoravel da nossa historia politica, em que a independencia de Portugal da monarchia Leoneza ficou bem accentuada. N'esse anno arribou ao Porto a armada dos cruzados, capitaneados pelo conde Arnulfo de Aerschot, que ajudou o filho de D. Thereza na conquista de Lisboa, e esta teve logar em 21 de outubro.

D. Affonso Henriques invadiu a Extremadura hespanhola em 1169, mas, não podendo sustentar a lucta com o rei de Leão, foi obrigado a retirar-se para Badajoz, perseguido pelas tropas de Fernando II, e ao sahir pela porta da praça que dava para as margens do Guadiana, bateu tão de rijo com a coxa no ferrolho que fracturou o femur, cahindo prisioneiro do genro.

Em Portugal, antes e depois da sua desmembração de Leão e Galliza, contou-se geralmente pela era de Cesar até D. João I; comtudo alguns exemplos se encontram nos documentos de contagem pelo anno do nascimento de Jesus Christo ou da Encarnação, mas nos monumentos d'esta ordem não era costume datarem-se com o millessimo.

É possivel que o fructeiro fosse obra de algum artista estrangeiro e offertado em commemoração da tomada de Lisboa.

A forma da letra, que parece romana restaurada, não combina com a das moedas d'aquella epoca, a inscripção sem ser em latim, a palavra *anno* com um N só, como usam os hespanhoes, posto que entre nós quasi sempre se escrevesse então assim, são motivos que nos fazem duvidar da sua authenticidade.

A. C. Teixeira de Aragão.

AS NOSSAS GRAVURAS

CONDE DE S. SALVADOR DE MATTOSINHOS

É um benemerito e um heroe. Benemerito pelas acções, heroe pela lucta.

O trabalho enriqueceu-o, a caridade engrandeceu-o, e se quanto mais rico e mais engrandecido, o seu corpo não cança e o seu espirito não cessa de lhe suggerir o bem, vêde a estatura que este homem attinge e quão grande é o seu merito, que da obscuridade em que nasceu, se soube elevar ás considerações que o rodeiam, as bençãos que o cobrem, desde a patria em que nasceu até á segunda patria que adoptou, uma que estremece com o amor de filho, outra que preza com a mais profunda gratidão.

Este benemerito portuguez, que ha 53 annos deixou Portugal e foi para o Brazil procurar emprego para a sua actividade, acha-se ao presente entre nós, vindo visitar a sua patria depois de uma ausencia de 21 annos.

Natural de Mattosinhos, para aquelle berço da sua infancia tem dirigido mais em especial as suas attenções, e não são poucos os beneficios que lhe deve aquella povoação.

A prova d'isto está na maneira festiva como alli o receberam, festas principescas como só se fazem quando um verdadeiro sentimento de respeito ou de gratidão animam um povo a promovel-as.

Mas antes d'estas festas já Lisboa tinha recebido o benemerito portuguez, com iniquivocas provas de alto apreço, felicitando-o pelo seu regresso a melhor parte da povoação de Lisboa, em que os poderes publicos tomaram parte, dignando-se SS. MM. el-rei e a rainha, recebel-o especialmente no paço de Cascaes, onde estavam a banhos.

Não podemos fazer aqui a biographia do conde de S. Salvador de Mattosinhos, porque para isso nos faltam dados importantes; mas se nos faltam datas e factos especiaes que deem os promenores da sua vida, não nos falta o contorno geral que esboça o seu caracter, e esse nos basta para dar idéa do homem, do philantropo, do patriota.

Em primeiro logar as honras que hoje ennobrecem o conde de S. Salvador de Mattosinhos, se não foram conquistadas nos campos de batalha, ou nos gabinetes da sciencia, foram ganhas nas luctas pacificas do trabalho, e nas acções generosas em prol da humanidade.

As guerras não são hoje o ideal do heroismo póde-se ser heroe sem ter uma espada; a sciencia e o amor da humanidade vão empanando o esplendor das armas; a coragem e o valor vão sendo substituidos pelos tropedeiros e pelas artilherias monstruosas.

O trabalho está exigindo muito mais valor e muito mais coragem, e aquelle que triumpha d'elle é tão heroe como o que venceu cem batalhas, porque tanto valem essas luctas pela vida a que todos concorrem com o mesmo fito — vencer, em que uma grande parte cahe desfallecida, exhausta, vencida, porque não poude luctar mais.

Aquilata-se por aqui o grande merito dos vencedores, e quanto mais debaixo vieram e a mais alto subiram, mais se é heroe, por não ter succumbido.

O conde de S. Salvador de Mattosinhos occupa hoje o primeiro logar no commercio do Rio de Janeiro e é tambem o portuguez mais considerado da colonia portugueza n'aquelle imperio, estimado e respeitado por todos os seus compatriotas e pelos naturaes d'aquelle paiz.

N'esta situação a sua influencia é das mais poderosas, e se os portuguezes n'aquelle imperio lhe

devem grandes beneficios, a sua gratidão tambem não é inferior aos bens recebidos.

Juntando á sua grande actividade no commercio, os dotes d'um coração generoso e bom, não ha idéa generosa, beneficente, humanitaria, a que não se associe, de que não tome a direcção, a que não dê incremento, sendo sempre coroado do melhor resultado.

É assim que o encontramos á frente da grande instituição fundada no Rio de Janeiro e que se chama *Sociedade de beneficencia portugueza*, soccorro do corpo e do espirito, que tem beneficiado tantos centenares de portuguezes expatriados, e que succumbiriam se aquella caridosa instituição lhes não valesse.

Aos appellos que a patria tem feito aos seus filhos em terras de Santa Cruz, quando se trata de commemorar algum facto glorioso, ou de acudir a alguma grande desgraça, correspondem sempre pressurosos esses filhos que a não esquecem, e entre elles encontramos sempre o conde de S. Salvador de Mattosinhos, como o mais influente, a envidar todos os esforços para reunir as maiores sommas em resposta a esse appello.

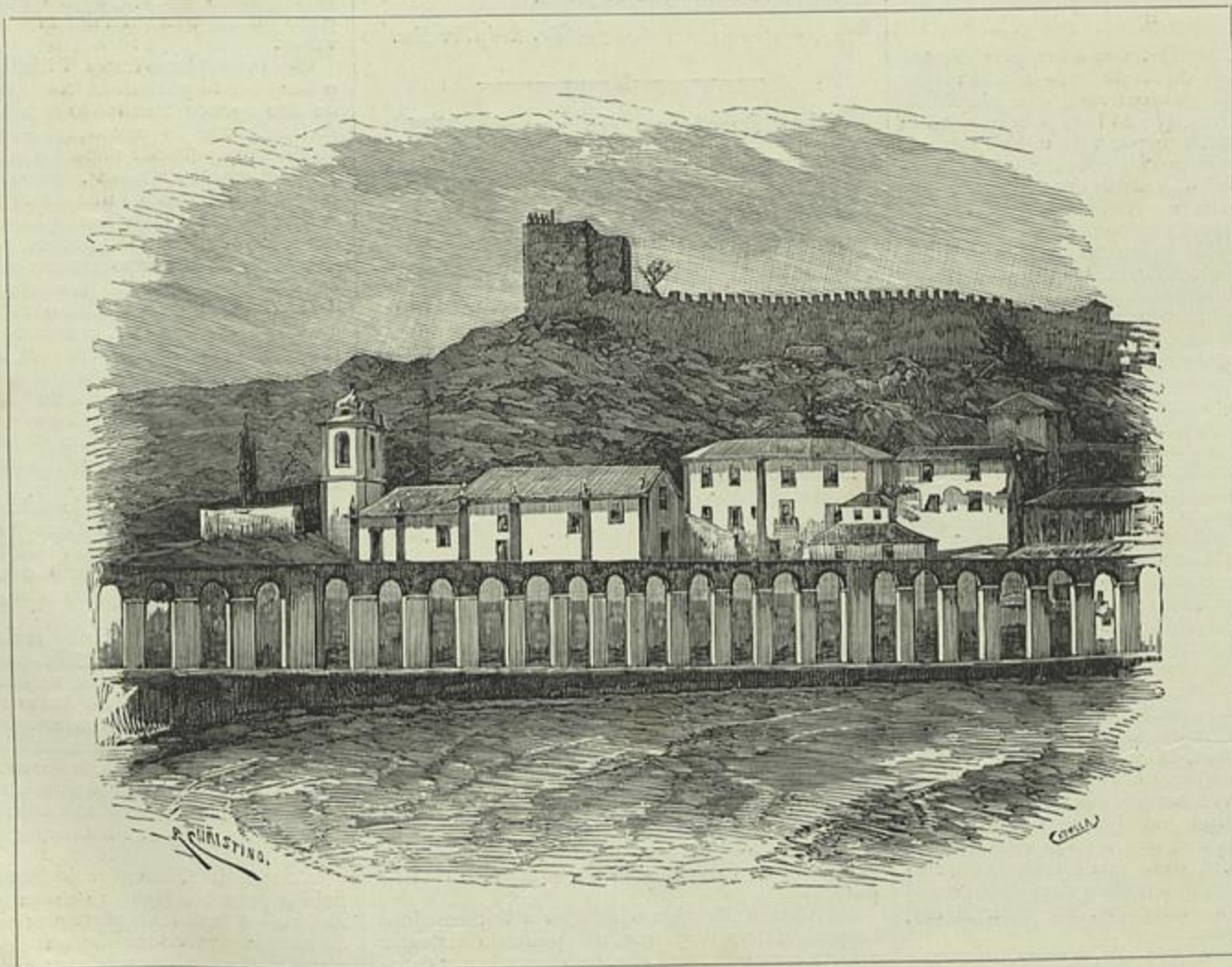
Como mais saliente entre tantas subscripções lembraremos a dos soccorros aos innundados de Portugal, em 1876.

O general Joaquim Dias da Silva Talaya — Fallecido em 23 de outubro de 1886
(Segundo uma photographia)

Depois de cincoenta annos de trabalho o conde de S. Salvador de Mattosinhos, procurou descançar um pouco das suas fadigas, e para isso entregou a administração da sua grande casa commercial, a seu filho primogenito, o commendador João José dos Reis Junior, actualmente visconde de S. Salvador de Mattosinhos e digno continuador das tradicções honradas de seu pae. Este cavalheiro é o fundador de um dos primeiros jornaes do Brazil intitulado *O Paiz*.

Apesar do conde de S. Salvador de Mattosinhos se ter retirado voluntariamente da vida activa do commercio, conserva entretanto a presidencia de muitas companhias importantes, assim como a de um dos primeiros estabelecimentos bancarios do Rio de Janeiro.

Ultimamente tem-se empenhado na libertação dos escravos pertencentes ao espolio de portuguezes fallecidos, e este facto ainda o torna mais sympathico aos olhos de seus irmãos.

Em Mattosinhos, onde, como já dissemos, foi recebido enthusiasticamente, havendo uma sessão solemne na aula da confraria do Senhor de Mattosinhos, em que se proferiram discursos laudatorios pela visita do benemerito portuguez, sua excellencia agradecendo commovido tantas provas de estima e consideração dos seus conterra-

Castello de Obidos (Segundo uma photographia)

neos, declarou que para commemorar tão assignalado dia da sua vida, mandaria levantar um modesto monumento ao filho d'aquelle povo, João Gonçalves Zarco, descobridor das ilhas da Madeira e Porto Santo.

Não será esta a menor acção nobre da sua vida, cheia de rasgos patrioticos e de actos de beneficencia que provam o bom uso que o conde de S. Salvador de Mattosinhos sabe fazer dos bens com que a fortuna o dotou.

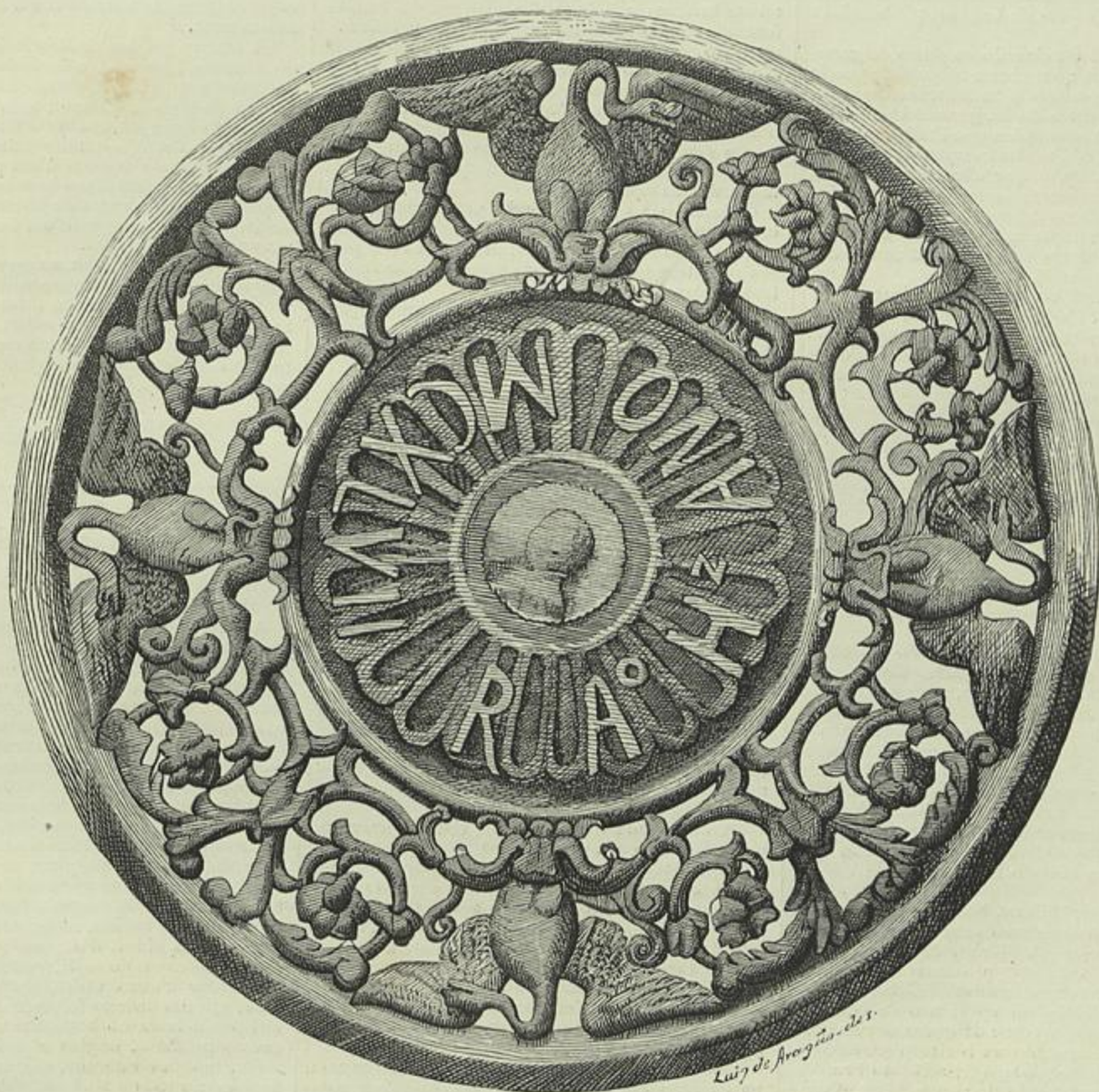
JOAQUIM DIAS DA SILVA TALAYA

General de divisão

A morte acaba de colher com a sua foice implacavel, que não respeita os mais fortes nem se amerceia dos mais fracos, um d'esses valentes militares que campearam por esses campos de batalha, onde pelejaram pelas leis liberaes que ha meio seculo governam este formoso extremo da Peninsula, que o sol illumina com os seus mais brilhantes raios, mas que épocas houve em que o mais insensato despotismo assoberbou com todos os horrores.

Para sacudir esse despotismo foi mister grandes sacrificios e grandes vontades e, portanto, grandes espiritos que arrostassem com a lucta, expondo a vida para libertarem a patria, e expondo-a não só aos perigos da guerra, mas peior ainda, expondo-a ante o cadafalso armado e prompto para sacrificar os audazes que ousassem manifestar idéas liberaes.

Joaquim Dias da Silva Talaya foi d'esses heroes que concorreram com o seu esforço para estabelecerem as instituições que hoje nos regem; e para isso expoz a vida, enthusiasmado pelas idéas liberaes que surgiram com o presente seculo, no principio do qual elle nasceu, quando ainda o grande Bonaparte alastrava os seus exercitos pelo mundo, sequioso de novas conquistas e ferindo guerras invasoras, que eram como que o grito de alarme que vinha despertar os povos, para que attentassem bem na grande luz que a revolução do fim do seculo, em França, espalhava pelo mundo.

Portugal foi dos primeiros paizes onde a liberdade sorrio, e ao doce cantico das aspirações livres, se embalou uma geração, que foi crescendo

FRUCTEIRO DE BRONZE DO SECULO XII, EXISTENTE NO INSTITUTO DE BADAJOZ, QUE SE PRESUME TER PERTENCIDO A D. AFFONSO HENRIQUES
(Desenho do sr. Luiz de Aragão)

com o seculo e com elle se foi avigorando no animo e nas acções.

Que é muito que esses valorosos vão desapparecendo, se o seculo que com elles nasceu tambem vae findo. Que é muito que os esforçados que dotaram a patria com instituições livres, vão resvalando para o nada, se essas instituições tambem vão estando gastas e se vão transformando, como elles se transformarão tambem na evolução da materia?

Se a sua obra não tem a duração dos seculos, nem por isso é menos meritoria, nem deixou de produzir beneficios.

A eternidade só é obra do Eterno; tudo quanto vem dos homens tem fim, fim como elles tambem o teem, e se as instituições para ahi vejetam sem calor nem enthusiasmo, não é isso culpa dos seus instituidores, mas dos tempos que vamos atravessando, em que as idéas avançam com a velocidade do vapor ou da electricidade, e que como estes dois grandes motores, multiplicam a sua actividade sem saber onde parar, sem saber o cumulo da perfectibilidade.

Mas nós que apenas vamos registrando n'estas paginas os factos que o tempo nos vae apresentando, deixemos as considerações que esses factos envolvem, e restringimo-nos, no pouco espaço que nos resta, ao valente militar que constitue o assumpto d'estas poucas linhas, escrevendo algumas notas para a sua biographia gloriosa, que mais tarde hade enriquecer as paginas da historia portugueza d'este seculo.

Nasceu em 1807 a 29 de agosto, e em 26 de setembro de 1824 sentou praça no exercito portuguez, tendo 17 annos de idade. Seu pae foi o coronel José Joaquim Talaya, o valoroso defensor de Campo Maior em 1811 contra a invasão do exercito francez. O joven militar herdou nobremente de seu pae o valor e o amor da patria, que foram sempre o culto de toda a sua vida. As suas idéas liberaes fizeram-n'o emigrar, em o posto de alferes, para a ilha Terceira, vindo desembarcar depois nas praias do Mindello com o exercito libertador, sob o commando do valente coronel Pacheco.

Em 1833 era já tenente, e entrou na batalha da Asseiceira e outras que se seguiram, dando sempre provas de valor e merecendo por distincção o posto de capitão, em 1837.

Foi com a divisão auxiliar á Hespanha sob o commando do conde das Antas, onde não desmereceu do seu general, valente por excellencia.

Os acontecimentos politicos de 1846 vieram prejudicar a sua carreira militar, por ter seguido as idéas liberaes por que combatera, e que via tão gravemente offendidas.

Em 1858, porém, alcançou o posto de tenente coronel, e em 3 de setembro de 1861 foi promovido a coronel, sendo-lhe entregue o commando do regimento de infanteria 11.

De infanteria 11 passou a commandar infanteria 16, e a sua vida de commandante é cheia de factos honrosos, que tanto distinguem a honradez do seu caracter como a solidariedade e disciplina militar.

Aos actos da sua vida publica juntam-se actos da sua vida particular que não menos o enobrecem que aquelles, e se aqui nos não escaceasse o espaço, muito poderiamos dizer da sua vida, em que os rasgos do militar valente e destemido não atrofiavam as qualidades do seu coração bondoso e caritativo.

Quando em 1883 foi elevado ao posto de general de divisão, passou ao supremo tribunal de guerra e marinha, desempenhando as funcções de presidente, no impedimento do sr. general Palmeirim.

De todas as condecorações que lhe premiavam os feitos, era a medalha das campanhas da liberdade, algarismo n.º 9, a que elle mais estimava, porque era esta justamente a que mais recordações lhe trazia dos primeiros tempos da sua vida militar, tempos de lucta, em que as distincções eram ganhas á custa do proprio sangue, e mal compensavam tão grandes sacrificios.

O illustre general finou-se na madrugada do dia 23 de outubro. Ha muito que o seu estado de saude lhe não permittia actividade no desempenho dos seus encargos officiaes, e por isso se via obrigado a um descanço tanto em contradicção com a sua vida de outros tempos.

Repouse em paz.

ESTATUAS MILITARES
NO JARDIM BOTANICO DA AJUDA

A respeito d'estas curiosas estatuas cuja origem se perde na mais remota antiguidade, e que ha annos foram collocadas á entrada do Jardim Botanico da Ajuda, fizemos algumas investigações que nada adiantaram ao que sobre ellas escreveu Hübner.

Uma demorada analyse tambem não nos esclareceu mais com respeito as cabeças d'estas estatuas serem as primitivas ou não, porque o granito de que são feitas está de tal modo comido do tempo e denegrido de manchas sobrepostas que não é possivel aventar opinião sobre este ponto, parecendo todavia que as cabeças são effectivamente as que sempre devem ter tido estas estatuas.

No famoso livro *Lisboa antiga* do sr. visconde de Castilho encontra-se uma minuciosa discripção d'estas estatuas baseada sobre a discripção que d'ellas fez o sabio allemão Hübner.

Eil-a:

«Aprecia-as o sr. Hübner, bom conhecedor, como vestigios *unicos* de uma semi-cultura barbara muito caracteristica (1). Vieram do oiteiro Lezenho, termo de Montalegre, provincia de Traz-os-Montes, antiga provincia romana de Gallæcia e Asturia. Foram achadas em 1785; não se sabe por quem, nem sequer o nome de quem as remetteu para Lisboa; mas conjectura o citado archeologo que para isso contribuiria o franciscano Frei Vicente Salgado, enthusiasta de antiguidades. As inscripções dizem apenas:

No pedestal da estatua á direita de quem entra:

STATUÆ
MILITARES
INCOLLE LEZENHO
PRO PE VICUM
MONTALEGRE
EFFOSAE (*sic*) ANNO
MDCCLXXXV.

No pedestal da outra estatua:

ESTATUAS
MILITARES
QUE SE ACHARÃO
NO OUTEIRO LEZE
NHO PERTO DA V. DE
MONTALEGRE
NO ANNO 1785.

E visto terem sido tão pouco exploradas estas interessantes estatuas, descrevel-as-hei aqui miudamente, seguindo Hübner, que até as mediu.

Uma tem 2^m 50 de altura; a outra tem 2^m 10; ambas de granito; ambas parecem representar guerreiros; e a descripção de uma convém pois a ambas, com leves differenças.

Imaginemos uma grosseira figura, posta de pé, com os braços apertados ao tronco, as pernas unidas e a cabeça derrubada para diante; obra tão comida dos annos, que é impossivel dizer, se o que resguarda a cabeça é cabelleira ou cervilheira de coiro cingida até meia face, como usam os lanceiros das moedas celtibericas de Hespanha; comtudo na nuca distingue-se o cabello. Ficam a descoberto as largas orelhas; barba cheia e espessa; olhos e nariz cruamente executados.

Em torno do pescoço a *torquez* ou collar dos celtas, em dobras grossas e salientes. No tronco uma especie de gibão liso, com rudes enfeites no peito e nos hombros.

Envolvem o ante-braço umas como ligas, que talvez indicam a bainha das mangas. Os braços formam angulo recto no cotovello; a mão direita aperta o punho de uma espada curta, como a dos lacedemonios; fio recurvo, costas rectilineas, ponta aguda; a esquerda, na mesma altura da outra mão, segura um escudete redondo, em cujo centro avulta o adorno de um botão saliente. Desce até aos joelhos o saio, tomado por um largo cinto, que passa sob o escudo, e é ornamentado por fórma bem mais cuidada que o resto.

O desenho das pernas, unidas uma á outra, lembra o das estatuas assyrias, ainda mais rude e exagerado. Não se vêem os pés; as barrigas das pernas assentam sobre cubos da mesma pedra singelamente lavrados.

Eis ahi a fiel descripção dos dois enigmaticos guerreiros, que hoje fazem a sua silenciosa guarda de honra ao horto botonico de Avellar Brotero e Vandelli.»

Consultámos tambem a respeito d'estas estatuas, o sr. Francisco Martins Sarmento, distincto archeologo, que nos tinha dado indicação d'ellas, como muito importantes para o estudo archeologico; mas sua excellencia respondeu nos com a carta que abaixo publicamos, e em que, apesar de não affirmar positivamente a sua opinião sobre o assumpto, pelas razões que expende, entretanto esta carta offerece bastante interesse para o estudo das mesmas estatuas.

«Guimarães, 8 de abril de 1886. — Da melhor vontade me encarregava do artigo, se tivesse consciencia de dar conta da tarefa; mas isso torna-se quasi impossivel sem o exame attento dos originaes. Nas minhas excursões á cata de velharias tenho descoberto tres estatuas da mesma especie das da Ajuda, uma em Fafe, outra em Refojos de Basto, a terceira em S. Jorge de Vizella. Já conhecia a do Pateo da Morte, em Vianna do Castello, de que as *Noticias Archeologicas*, de Hübner, dão uma gravura; mas todas estas são descabeçadas.

«A de Vianna não o parece, vista na gravura, porque lá tem em cima do pescoço o quer que seja que parece uma cabeça coberta por um elmo; mas a cabeça é postiça e quem lh'a mandou pôr quiz fazer da estatua um dos seus antepassados, mandando-lhe abrir na rodella, ou escudo, as armas da casa, em que figuram umas conchas (vieiras)! Hübner commentou gravemente estas vieiras, e Camillo Castello Branco, que encontrou n'uns alfarrabios a historia d'esta extravagancia, commentou homoristicamente os commentarios do sabio allemão.

«As estatuas da Ajuda estão completas e tem na maior, o que eu ainda não pude examinar com attenção devida — a cabeça sobretudo — o que nas gravuras se diria um collarinho. É ahi que está o principal *bus illis*. Já ouvi teimar que aquillo era um *torques*, um collar torcido. Para os archeologos este ponto era d'uma importancia summa. A questão do collar e ainda a forma da barba são as novidades que vem dar a publicação das gravuras, e veja v. se eu devo assustar-me ou não com a ideia de dizer alguma coisa de decisivo, não vendo os originaes. V., sem sahir de casa, tem certamente quem póde muitissimo bem fazer a descripção minuciosa — o sr. Manuel de Macedo (1). A descripção exacta é o que podem desejar os que tomam estas coisas a serio.

«A estatua n.º 1 tem três braceletes, se me não engano, na parte anterior do braço. (A de Fafe tem dois em cada braço, muito distinctos). Aqui está aplicado o uso do bracellete, já hoje celebre, de Penella. O cinturão que aperta o saio deve ter atraz uma ornamentação qualquer, uma fibula. Pena será que os desenhos d'esta fibula bem como da adaga não possam ser dados em separado. De resto, saio, cinturão, escudo e adaga apparecem invariavelmente em todas as estatuas congeneres.

«O escudo da de Fafe é concavo — o que faz lembrar logo a armadura dos Lusitanos, descripta por Strabon, — uma rodella concava (*cava foris*) e uma adaga (*sica*). Por isso me parece que a denominação de gallegas (callaicas) dadas por Hübner a estas estatuas é mal escolhida e além de tudo por não haver razão nenhuma que nos auctorise a distinguir Lusitanos e Gallegos, povos da mesma familia, civilisação e lingua. Que taes monumentos pertencem á epocha luso-romana não soffre duvida alguma.

«A estatua de Vianna tem uma inscripção latina com um nome indigena, e na Galliza appareceu outra tambem com inscripção latina e nome d'um natural. Ambas as inscripções são mencionadas na obra citada de Hübner. As estatuas representavam provavelmente guerreiros lusitanos e gallegos. Hübner crê que eram funerarias e é isso bem possivel. Ellas devem remontar aos tempos em que as povoações eram ainda como a Citania nos altos dos montes.

«A inscripção das da Ajuda lá diz que vieram do Cuteiro Lezenho; a de Fafe appareceu perto do Outeiro de Santo Ovidio, onde houve uma povoação do typo da Citania; a do Refojos de Basto (que ainda hoje personalisa a terra, e tem o nome de Basto (o Basto) — muito pintarolada, com uma cabeça postiça e coberta d'um chapeu extraordinario — está perto d'um outeiro, que tem ainda tradições de mouros; a de Vianna veio de S. Paio de Meixedo e de ao pé d'um outeiro, em que havia varias antiguidades.

Já vê v. que não faltava que escrever sobre o assumpto; mas não me canço de o repetir, a descripção minudenciosa das estatuas da Ajuda, sobre tudo da cabeça e do collar, se o é, torna-se a parte interessante por excellencia e só quem estude muito de vagar os originaes poderia dar boa conta do recado.

De v. etc.

F. Martins Sarmento.

(1) Noticias archeologicas de Portugal, pag. 110.

(1) O sr. Manuel de Macedo não poude ir ver as estatuas.

DOM TAROUCA

I

Ao fundo da velha e pobre povoação, cujas casas se encavallavam fragueiramente sobre penedos bravios, entre esbeltos choupos de verde folhagem fremente e sobreiros sombrios de copa metallica, e vistas de longe pareciam um pouco tombadas, postas á moda do diabo, e como paralysadas n'um solavanco da escarpa abalada, um bando de mulheres linguareiras, cabeças escabelladas ao vento, estavam reunidas preguiçosamente, pela hora amiga do luminoso crepusculo da tarde. Era n'um pequeno largo-chão, formando mirante sobre o amontoamento tumultuosamente enladeirado do fragoedo marginal do Douro, que então corria como uma torva levada de tempestade, embravecido já de borrascas e formidaveis trovoadas recentes, e lá abaixo, na grosseira curva que por entre areias claras descrevia para, se esconder e fugir pelo canto do valle, mostrava opulentamente aguas côr d'ouro velho, fôsco, terroso e movediço, sob um reflexo fulgente d'atmosphera. O sol ausente deixára no horisonte a orla do ceu, levemente brumosa, tingida a tons de laca e de laranja, suaves e intensos, vaporosos, flamejantes, e fugidios; e toda a abobada, subtilmente nevoenta, se forrava finamente d'uma luminosidade rosada e loura, como suspensa e mal velando o azul transparecente. Nos recôstos sobrepostos das montanhas que se ensombravam, por baixo das esfarrapadas mattas senhoras dos cumes, onde vão zoando livremente o seu surdo canto mysterioso, que se diria um murmurio subterraneo aflorando ás ramarias, o outono doentio, o doce e pittoresco outono elanguescente, o outono colorista amarellecia os encostados campos de milharaes, com os seus cerrados exercitos de cannarias seccas, enlêprava fantasistamente de ferrugem os arvoredos sem fructos, alcatifava as terras e os caminhos com as rôtas folhas cahidas que rangem e estalam asperamente sob as passadas, e das vinhas rasteiras fazia boas garridas mantas listradas e manchadas á tôa de carmins baços, sujos, e d'ocre amavel, com que agasalhava lombadas de collinas caprichosamente. É na serenidade do lento entardecer radiosamente allumiado, os ultimos ruidos do dia morriam, com a distante bulha d'um carro de bois que chieirava plangente e raivosamente, e com a simples e melancholica nota d'écloga do chocalho d'uma vacca mansa e fulva, vagarosa-

mente tocada para a côrte por uma esperta rapariguinha que a verdascava, e aos pulos fazia balouçar e luzir as grossas argollas pendentes das orelhas.

As madraças mulheres, no refestelamento do seu ocio, como que insensivelmente entretidas com o espectaculo ambiente, apenas a intervallos tagarellavam, todas viradas para a luz, sentadas, quêdas, e conservando as mãos debaixo dos aventaes, porque n'aquelle fim d'outubro o frio era já tanto, que até os melros garôtos se recolhiam ás sebes com mudos vôos desalentados. Mesmo, como os turbulentos rapazes, filhos, irmãos, netos d'ellas, chegaram da lição escarreirados n'uma algazarra, e d'uma peregrinação larapia pelos soutos visinhos traziam os bolsos cheios de castanhas, houve tal que lembrou um magusto; e como a todas sorrisse essa pequena festa d'inverno, foram n'uma azafama buscar lenha e lume, e bem depressa as faiscantes faúlhas, semelhantes a miudinhos e fugazes insectos de fogo, desataram espirradamente a subir no ar, ainda penetrado das vagas exhalações dispersas do mósto incubado de fresco. O mulherio fez roda; algumas aqueciam as mãos friorentamente; a rapaziada gulosa espreitava silenciosamente a fogueira; e uma bonita mocinha pincha-no-crivo, adoravel bruxa infantil com os cabellos ruços esfarripados na testa, os olhos pardos e as faces córadas e a arreganhada bocca vermelha explosindo um grande riso, arregaçou de repente as saias e saltou por cima das labaredas, envolta n'uma nuvem cinzenta de fumo. Houve gritos d'espanto, as velhas ralharam-lhe; mas quando a mãe se levantou assanhadamente para a pilhar e bater-lhe, viu um homem que se approximava a correr, e estacou, amedrontada, clamando:

— Olhaide que entrudo alli vem!

Era um farroupilha escanzellado, sem soccos nem carapuça, com a magra cara angulosa entojada d'uma barba de bandido, os olhos desvairados sumidos á sombra das abrolhosas sobrancelhas, e accesamente fixos como os dos captivos leões nostalgicos quando fitam paradamente os desconhecidos horizontes; tinha como um barbaro a cabelleira grisalha crescida, n'uma emmaranhada lã de ha muito desassombrada de tosquia; cobria o corpo paradoxalmente com malalinhavados trapos immundos, e mostrava os pés descalços gretados e chagados, com códeas de bostellas onde pousava mosquêdo, e surrentos da poeira e da lama das estradas. As tenras creanças esconderam-se n'um terror atraz das mães, e os proprios rapazelhos atrevidos foram pôr-se a distancia, receiosamente; mas todas as mulheres — mesmo a que o apontara, no sobresalto subito do encontro, — ficaram socegadas, porque reconheceram o inoffensivo maluco vagabundo, e uma interpellou o:

— Eh lé, por qui, su Dom Tarouca?!

Alcunhára-o assim um fidalguêlho montez, e a graça pegára, saboreada por trinta aldeias. Elle descarnou os enormes dentes n'um sorriso tonto, e tartamudeou cousas incomprehensiveis, abriu arqueadamente os braços á altura da cabeça, com o gesto desembaraçado de quem toca castanhêtas, e inesperadamente largou a dansar, primeiro com piruêtas desastradas, e logo depois n'um longo gyro de dobadoura, torneando sobre si incansavelmente, rodopiando com uma surprehendente agilidade, n'um rapto mystico de derviche oriental; e a expressão da sua cara immobilisada no bronco sorriso, entrevista rapidamente nas reviravoltas incessantes, afigurava-se diabolica ás estupefactas espectadoras. Então a canalha, arregalando os olhos admirados, acercou-se curiosamente do divertido tarouca extasiado, fanatisado na sua dansa extravagante; e por fim, vencendo a derradeira repugnancia do mêdo pueril, fez lhe companhia ruidosamente, entrando a bailar tambem n'uma desordem, gargalhando e berrando, batendo as palmas n'um espantoso alarido ensurdecedor. Elle não gostou da sucia, e gaguejando palavras de ameaça aos pequenos brincalhões, que fugiram tropellosamente cantando risadas, parou, assumiu uma bella attitude arrenegada e digna, e sentou-se n'uma pedra altivamente, coçando os piôlhos nas brenhas do tisnado peito nu. Uma velhóta com ar de feiticeira de cara encorreada e barbuda, nariz curvo, consolou-o galhofeiramente:

— Deixe lá, filho de Christo, elles são confiados, mas hão de apanhar!

E convidou-o para comer castanhas do magusto. Porém o bom louco, que além de pacifica e concentrada tinha a colera passageira, não respondeu, permanecendo attentamente a contemplar o vivaz effeito de poente, que transfigurava entre as ramas e as placidas folhas d'uma oliveira, nitidamente recortadas sobre o fascinante dourado aereo n'um intrincamento negro de rêde d'arame; e quando a sua demorada observação o satisfez e alegrou visivelmente, resmungou d'um modo convicto e seguro:

— Bem digo eu, gentes, bem digo eu! Só dês que a minha Delfina foi para o ceu morta, como uma anjinha, é que lá apparecem assim estes clarões ruivos, côr dos cabellos d'ella, tão lindos!

As francas mulheres riram-se brutalmente d'aquella crendice hallucinada; e uma, convulsa de hilaridade, não teve mão em si que não berrasse:

— P'ra bô banda lhe deu a panca, ao atarouca-do! Oh innocente, se queres ver a tua mulher viva e saudable como um cação, vae ao moinho, donde ella te tem uma malga de caldo verde guardada!

Outra accrescentou generosamente:

— Mail-a cabaça cheia de verdasco!

Mas a velha de figura sarcasta interveiu com uma impostura compadecida:

— Ai, minhas pitas doidas! Não o mandendes p'ra casa, que mesmo a esta hora já elle não acha logar na cama... E nem o triste quererá botar as benções aos criançalhos, que por lá andam, e se vieram ao mundo não foi por culpa d'elle!

E a confusa balburda das cascalhadas tornou-se feroz, desavergonhada e má, acirrada pelo salgado remoque. O pobre diabo, sem as perceber, ora lhes dava ouvidos distrahidamente, ora se voltava para o ceu, que se obscurecia; e como decididamente não se entendesse com um tal riso excessivo, tomou o partido de ir-se embora, atarantado e encolhido como um cão infeliz. Lá ia chôcando a sua scisma, e a cada passo acenava a cabeça propheticamente.

(Continúa) *Monteiro Ramalho.*

Processo do architecto inglez John Coustos

CONDEMNADO PELA INQUISIÇÃO DE LISBOA POR SER PEDREIRO-LIVRE

1743 — 1744

A maçonaria em Lisboa em 1743. — Prisão. — Primeiro interrogatorio. — Instancias dos inquisidores para divulgar os mysterios maçonicos. — Artigos de accusação. — Sala das torturas. — Descripção dos tormentos. — Auto de-fé. — Vestuario dos condemnados. — Lista das pessoas queimadas no auto-de-fé celebrado em Lisboa a 21 de junho de 174 . — As galés. — Reclamações do embaixador inglez. — Fuga a bordo de um navio da esquadra hollandeza. — Horrores de um auto-de fé descripto pelo dr. Gedder.

João Coustos, natural de Berne, mas naturalisado inglez viera a Lisboa na esperança de embarcar para o Brazil, onde tentaria fazer fortuna.

Em Lisboa existia por essa epoca, 1742, uma loja maçonica, não obstante a vigilancia do governo e da Inquisição. Os obreiros d'esse *templo* para escaparem ás vistas indiscretas reuniam-se em casa uns dos outros e por esse motivo conseguiram estar muito tempo ao abrigo da perseguição. Uma senhora, porém, conhecedora do seu segredo, fel-o saber por escrupulos de consciencia ao seu confessor, o qual poz alerta o inclemente e sanguinario tribunal.

D'essa loja o primeiro que foi preso pelos familiares do Santo Officio era um francez chamado Mouton, que levado em segredo ao terrivel tribunal, só depois de haver supportado horriveis torturas pôde recuperar a liberdade, graças á sua nacionalidade.

«Com a noticia da sua prisão, diz Coustos, sentia-me tão assustado, que deixei a casa, onde habitava, para fugir ás pesquizas, mas trahido por um homem, que eu julgava meu amigo, fui preso n'um botequim a 5 de março de 1743, das 9 ás 10 horas da noite. Uma carruagem completamente fechada e puchada por duas mulas estava a certa distancia preparada para receber-me. Pediram-me o espadim, e um d'esses miseraveis, tomando o meu espanto por declarada resistencia, deu-me uma bofetada.

«Recebeu-me na Inquisição um official, o qual me entregou a guardas subalternos e, tendo ido receber instrucções a meu respeito, voltou e deu ordem para que eu fosse encerrado n'uma masmorra, sendo previamente despojado de todos os papeis, joias, dinheiro, e tudo o mais que trouxesse comigo. Recommendaram-me que não gritasse nem batesse nas paredes, e se tivesse necessidade de chamar os guardas que desse uma argolada na porta da prisão, á qual eu poderia chegar, passando o braço atravez de uma dupla grade.

«Passei dois dias em terrivel espectativa. Uma tristeza profunda me apertava o coração e abatia o animo, angustiado de dia para dia pela idéa do horror em que tinha cahido. Durante as horas que alli passei, o silencio d'aquelle sepulchro era cortado por gemidos abafados, que as abobadas repetiam em echos medonhos. A desgraça alheia não era lenitivo ás dores lancinantes que eu soffria; pelo contrario, augmentava-m'as.

«Não obstante a idéa da parcialidade dos meus juizes, — sempre dispostos a condemnarem accusados, — e tendo por lei a crueldade, busquei tranquillizar-me e oppor-lhes a inalteravel firmeza da minha consciencia.

«Um familiar do Santo Officio entrou na cella e fez-me a barba e rapou-me os cabellos. Uma hora depois fui intimado a comparecer.

«Perante cinco inquisidores, ajoelhado e descoberto, jurei sobre os Evangelhos de dizer toda a verdade.

«Depois de ter sido interrogado sobre a minha naturalidade, idade, nome e filiação, o presidente disse-me:

«— Meu filho, sabemos que tendes fallado injuriosamente do Santo Officio, como o provam testimunhas fidedignas. Nós vos exhortamos a que confesseis tudo quanto tendes dito contra o santo tribunal e bem assim tudo o mais relativo aos erros, que praticastes desde que o bem e o mal poude ser por vós discernido. N'estas condições tereis jus á indulgencia d'este tribunal, sempre prompto a mostrar-se misericordioso e bom para com aquelles que dizem a verdade.

«Disse que estava innocente e que, sendo protestante, não me era possivel confessar-me aos homens, mas sim a Deus, que sómente penetra e conhece no intimo a consciencia humana: sabe da sinceridade ou da hypocrisia do arrependimento do peccador e porque é o seu creador, elle sómente o póde absolver ou condemnar.

«— Confessae, embora fosseis educado nos erros dos blasphemos heresiarchas Luthero e Calvino, confessae para que o Santo Officio não seja forçado a recorrer á tortura, acto de que só vós sereis o culpado!

«— Nunca fallei contra a egreja catholica romana. Ha 15 mezes que habito em Lisboa e nunca pessoa alguma poude ouvir ou presenciar palavras ou acções contrarias ás leis temporaes e espirituaes d'este reino. Julguei sempre que este tribunal se limitava a conhecer dos casos de sacrilegio, de blasphemia, ou de outros crimes analogos cujos auctores pretendem metter a ridiculo ou lançar ao desprezo os mysterios adorados pela egreja de Roma, mas quanto a mim, fui sempre tão innocente a esse respeito, como se fosse recemnascido.

«— Vou mandar-vos recolher á cella. Pensareis seriamente sobre a maneira de satisfazer o tribunal. Ide!

«Tres dias depois fui novamente chamado. Os juizes fallaram-me dos pedreiros livres. Persisti no meu silencio. Mandaram-me baixar a um carcere mais escuro e infecto do que o primeiro. Alli passei sete semanas. Teria morrido se não foram as meditações religiosas a que me entreguei. Emquanto alli estive fui chamado tres vezes á presença dos meus juizes.

«Mandaram-me jurar que nunca divulgaria os segredos da Inquisição e que revelaria toda a verdade. Depois argumentaram: — Que na sua opinião a maçonaria não se fundava em tão bons principios, como eu havia affirmado no meu interrogatorio precedente; que se essa sociedade fosse virtuosa, como eu pretendia, não teria razões para occultar tão cuidadosamente os segredos. Insistiram enormemente sobre a revelação que de mim exigiam e declararam ser necessaria á minha salvação.

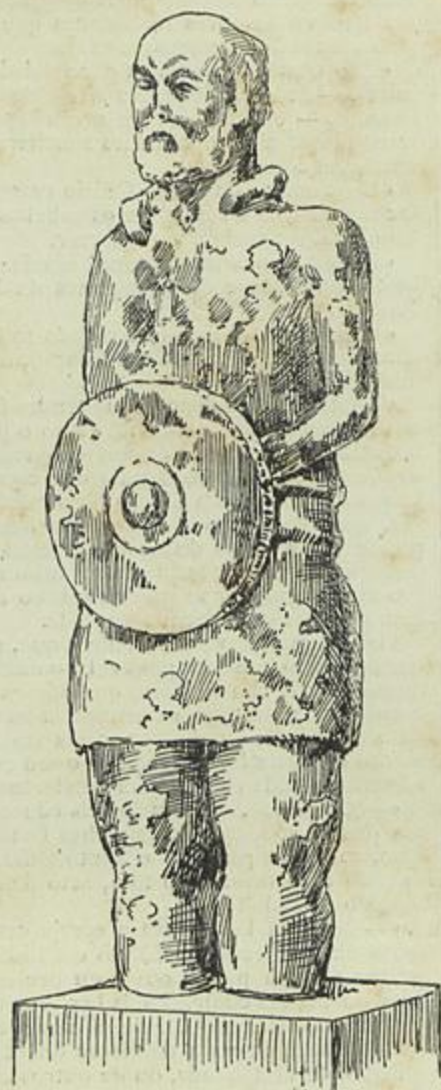
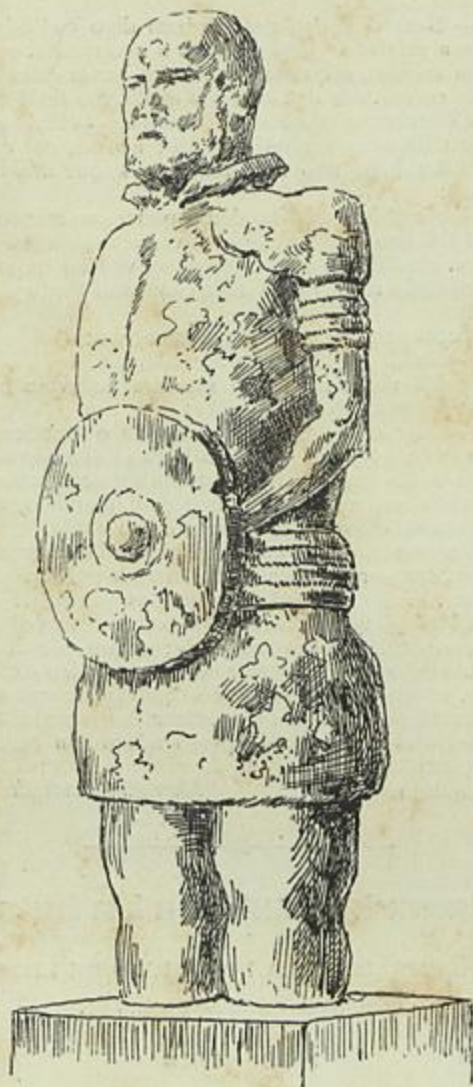
«— Reverendissimos senhores, disse eu, o juramento prestado por mim quando fui admittido entre os maçons, pelo qual me obriguei a nunca divulgar directamente ou indirectamente os segredos de meus irmãos — me impede de fazer o que de mim exigis. Esta determinação é dictada pela minha honra e consciencia e vossas senhorias não me obrigarão a ser perjuro!

«O presidente declarou não válido o juramento, mas que em todo o caso elle me absolvia e desligava d'elle.

«— Agradeço a vossas senhorias, mas como estou intimamente convencido de que sómente Deus Nosso Senhor me poderia desligar, peço-vos que não me obrigueis a ficar mal com a minha consciencia violando o meu juramento.

«Mandaram-me para o calabouço, onde estive bastante doente. Ainda convalescente fui novamente chamado.

«D'esta vez os inquisidores renovaram com ameaças a mesma ordem ácerca dos segredos da maçonaria. Neguei-me novamente.

«Disse-lhes que escrevessem aos embaixadores de S. M. fidelissima em Londres ou em Paris, para se informarem d'elles se havia nas reuniões dos maçons alguma coisa, que fosse contraria á de-

N.º 2

N.º 1

N.º 1

Estatuas militares, no Jardim Botanico da Ajuda

cencia, á moral, aos preceitos da fé romana ou á obediencia devida por todos os christãos ás leis dos reinos, que habitam.

«Mandaram-me para a prisão.

(Continúa) *João de Mendonça.*

RESENHA NOTICIOSA

Electricidade. Em um dos populosos bairros de Paris, trata a Companhia Edison, de estabelecer uma estação central de electricidade, que será, a primeira, a funccionar na França, á similhança das já existentes em algumas grandes cidades da America. Escolheu-se um ponto onde estivessem agrupados o maior numero de estabelecimentos publicos, que foi no boulevard de Strasbourg, nas immediações das portas de S. Martinho e S. Diniz, para illuminar por aquelle meio os grandes caffés alli situados, os theatros da *Renascença*, da *Porta de S. Martinho, Menus-plaisirs*, e mais alguns estabelecimentos importantes. — Tambem sabemos haver-se organisado em Pellotas, provincia do Rio Grande do Sul (Brazil), uma sociedade para estabelecer a illuminação eletrica na cidade de Bagé, sendo directores d'ella, alguns nossos compatriotas. É só praticando-se constantemente, que aquelle novo systema chegará a adquirir a perfeição indispensavel, e poderá produzir todas as suas grandes e indisputaveis vantagens.

Ponte D. Luiz. Foi inaugurada no dia 31 de outubro ultimo, anniversario de S. M. El-Rei, o taboleiro superior da ponte metalica que une a serra do Pilar á cidade do Porto, para substituir a ponte pensil que existia proxima. Assistiu o bispo que lançou a benção do estylo, auctoridades civis e militares, etc. De tarde porém, com uma refrega de vento, as pesssoas que por ella andavam fugiram atterradas, com medo da oscillação que era grande.

Caminho de ferro de Ambaca. Tambem no dia 31 de outubro foi inaugurado o começo dos trabalhos d'esta via importante da nossa provincia de Angola, da qual se esperam grandes resultados para o commercio.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

* **O homem que ri**, por Victor Hugo, traducção de Maximiano Lemos Junior; Lemos & C.ª, editores, Porto. Fasciculo 16 d'este romance, que só temos a recommendar como edição nitida e aprimorada, porquanto a obra litteraria é tão conhecida e reputada, que dispensa qualquer recommendação banal que aqui lhe fizessemos.

Os invisiveis de Lisboa, por Gervasio Lobato & Jayme Victor; David Corazzi, editor, Lisboa. Com o titulo referido principiou a casa Corazzi a publicar um romance portuguez, escripto por Gervasio Lobato e Jayme Victor, dois nomes festejados nas lettras portuguezas, e cuja actividade litteraria se manifesta na imprensa ou no theatro com uma fecundidade pouco vulgar. Este romance, cuja acção se estende entre Portugal e o Brazil, promette ser de um grande movimento e interesse como só teem os grandes romances de sensação, e as folhas que se acham publicadas são a melhor prova do que deixamos dito. É esta a impressão que nos fez a sua leitura, que não vae n'isto reclame, porque este é desnecessario quando se sabe que os *Invisiveis de Lisboa*, para a empreza satisfazer ás assignaturas que teem affluido, fazem uma tiragem superior a 10:000 exemplares, o que é um numero fabuloso no nosso mercado litterario.

Grande diccionario contemporaneo francez-portuguez, pelo professor Domingos de Azevedo, publicado com a approvação e sob os auspicios de Victor Hugo, e revisto pelo ex.mo sr. Luiz Filippe Leite, vice-reitor do Lyceu Nacional de Lisboa, Antonio Maria Pereira, editor, Lisboa. Está publicado até á folha 73 este magnifico diccionario, a que já por mais vezes nós temos referido com o louvor que merece.

Diccionario encyclopedico portuguez illustrado. Com este titulo principiou a publicar-se em Lisboa um diccionario portuguez, de que recebemos até á folha 14 ou pagina 112, e que alcança á palavra *Acinulo*. Nas folhas publicadas não vem ainda o frontispicio, e por isso não sabemos os nomes dos seus auctores, nem do editor. Quiz-nos parecer, pela leitura de algumas paginas, que a obra preenche bem o fim que se acha indicado no titulo, isto é, encyclopedico, e de facto vimos que, pelo menos na parte technologica, é bastante completo, o que já não é mau, pela carencia que d'esta parte ha em outros diccionarios.

Sermão do mandato, pronunciado em quinta feira maior, 2 de abril de 1885, na egreja matriz do Salvador da villa de Arcos de Valle de Vez, pelo presbytero Eduardo Augusto da Cunha Cerqueira, etc. Este sermão é uma boa obra litteraria, o que não se pode dizer a respeito de todos os sermões que por ahi recitam os levitas do Senhor, pelo que se vê que a estreia do digno padre, na tribuna sagrada, foi brilhante.

* Por motivo de ausencia de um dos redactores d'esta secção vão atrazadas algumas noticias de obras que foram recebidas ha tempo bastante.

Typ. Elzeviriana — R. do Instituto Industrial, 23 a 31 — Lisboa.